

Domingo, 6 de Janeiro de 2008

A Maria chamou-me às 6 da manhã para eu me levantar e meter no camião afim de me encontrar com uma nova e impressionante experiência. Depois de uma viagem de 6 horas com o Russel, com o irmão do Firoz e dois outros rapazes que trabalham para Maria, chegámos à aldeia de **Sripur**, onde íamos entregar os cobertores. Juntou-se uma multidão logo após a nossa chegada e antes de me dar conta estávamos cercados por uma massa de pessoas gravemente afectadas pela pobreza.



A luta pela vida é bem visível nos seus corpos esqueléticos, os seus olhos esbugalhados e as suas roupas rasgadas e sujas. Os meus sorrisos de simpatia são mais uma vez retribuídos com os sorrisos mais calorosos e anunciadores de boas-vindas, mostrando os seus dentes estragados e partidos, manchados de vermelho devido ao hábito de mascar "beetle-nuts" (*os frutos vermelhos à volta do tronco das palmeiras, um pouco abaixo da rama*) um hábito de que tive conhecimento durante o meu tempo de voluntariado na Papua Nova Guiné, há uns 12 anos atrás. Disseram-me que mascando aquilo envolto numa folha e com limão e outra erva dá um efeito do tipo "nas nuvens". E acho que é do que uma pessoa precisa quando vive nestas condições. Esta luta pela sobrevivência de mais um dia, em todos os

simples dias das suas vidas é a realidade para mais de 1 bilião de pessoas no mundo. Imaginemo-nos a acordar pela manhã e a encarar a mesma tormenta que nos deixou enfraquecidos e exaustos no dia anterior, 365 dias por ano, sem interrupção.

Nem um sopro de ar fresco, nem um cheiro delicioso, lençóis de linho lavados, não, nada disso, antes acordam numa barraca com um único quarto, que abriga uma família inteira, com uma "cama" de madeira ou de pedra, com tapetes, dura como a própria rocha, porque um colchão é para os ricos, e as paredes não são mais que lama seca, ou se tiverem sorte ou forem relativamente ricos, poderão ser metálicas. O calor é apenas o gerado pelos corpos dos outros membros da família que partilham a mesma "cama".



A multidão agrupada estava a olhar para mim, que estranha aparência devia eu ter para eles.

E aqui estava eu, mulher loura e alta, vestida em roupas Bangla, mas de modo algum comparável a eles. As crianças começaram a rir e a gritar, nos mais pequenos despontaram lágrimas de medo. Que sensação! As pessoas apenas olhavam para mim, umas rindo, outras apenas olhavam. Se

tivessem uma máquina fotográfica, começariam a tirar montes de fotografias minhas. É isso que acontece quando todos aqueles turistas visitam um país e apontam as máquinas afim de captar as vistas exóticas dos seus habitantes! Bem, tanto como me sinto agora envergonhada por todo o olhar de espanto e das fotos que tenho feito todos estes anos; penso que tenho sido ridícula. E gracejo para os rapazes dizendo que ***todas a mulheres Ocidentais com necessidade de aumentar o seu ego deviam vir aqui. Não lhes faltaria aqui a atenção dos homens!!!*** Hahaha.

Depois da multidão junta, alinharam-se por categorias; mulheres e crianças à frente, homens mais idosos em segunda fila e na última os outros homens. O homem mais velho da aldeia forneceu-nos uma lista dos mais pobres e que iriam receber os cobertores.

A estas pessoas tinha sido dado um pedaço de papel com o seu nome e uma marca “forma de não poder ser copiado”, que teriam de entregar ao receber o cobertor. Este procedimento funcionou de modo eficaz e em 2 horas tínhamos distribuído cerca de 2000 cobertores. Eram horas de partir para a próxima aldeia, **Manikhat**, para distribuir mais 1000 cobertores.

Quando chegámos, encontrámos uma cena parecida, uma crescente multidão de pessoas muito pobres, ansiosas por receber um cobertor para poderem dormir aquecidos durante a noite.

Pode ser difícil de imaginar a necessidade, mas estando aqui em Janeiro, posso afirmar que um casaco quente de Inverno não é um luxo à noite e vivendo numa cabana sob uma temperatura nocturna de cerca de 10 graus deixa as pessoas a tremer de frio se não tiverem o conforto de algo tão simples como um cobertor, uma comodidade meramente básica na nossa sociedade do mundo desenvolvido.



Para estas pessoas:

Finalmente, uma peça de luxo, finalmente uma noite passada no conforto do calor.

Apenas olhando para a gratidão nas suas caras faz com o nosso coração páre por um pouco, pensando em todas as coisas que damos como certas no dia a dia, gastando as nossas consumíveis vidas sem um simples pensamento sobre como é a vida no outro lado da balança.

Em contraste agudo com o bem organizado método de distribuição usado em **Sripur**, encontrámos aqui um caos crescente. 3 horas depois de termos chegado, nem mesmo 20% tinha sido distribuído. A multidão só crescia e o barulho tornava-se tão incomodativo que começou a ficar um pouco ameaçador. O escuro chegou e estávamos cercados por pessoas aos gritos, a estender os seus braços em busca dum cobertor. Dado haver muito mais pessoas que cobertores, não era opção apenas entregá-los para todos os presentes. O homem mais idoso da aldeia tentava chamar pelos nomes dos



contemplados para receber um cobertor, mas o barulho era tal que ninguém o podia ouvir. Quando a escuridão foi total e nem 30% estava distribuído, decidimos abortar a tarefa. Isto não iria resultar. Uma decisão muito chocante, mas a única a ser tomada. Esta situação prova o que a literatura escreve, dar coisas nem sempre é o melhor, já que provoca apetência em todos os humanos, independentemente do estatuto social. É doloroso ver, especialmente uma vez que se queira ajudar todos os que nos cercam, mas incapacitados pelo número dos itens que temos para dar, termos de interromper, deixando tantas mãos vazias. Precisei de me retirar, encontrar um lugar no camião entre as caixas e apenas sentar-me olhando, tentando guardar esta terrível experiência num lugar do meu coração, pois as minhas emoções estão a desfilar dentro de mim.

Quando interrompêmos, as pessoas começaram a saltar e a tornar-se ligeiramente violentas. Estava feliz por podermos partir, uma vez que estava algo assustada. Mas o que fazer? Ainda tínhamos 700 cobertores no camião. O irmão do Firoz, Shahalam imaginou um grande sistema depois da chegada. Todas as pessoas assistem sentadas. Também aqui, mulheres, crianças e os mais idosos em primeiro plano já que só temos um número limitado de cobertores para dar. Todos têm de permanecer sentados depois de receberem os cobertores. E numa hora acabamos a distribuição e podemos partir com um sentimento de alívio. Voltámos para **Sripur** para uma refeição na aldeia na casa da mãe de **Firoz** e **Shahalam** e depois para **Uttara**, onde chegámos às 3 da manhã. Que dia! Um dia que ficará na memória e que será recordado e falado muitas vezes.

Anoesjka Timmermans